

DOMINAÇÃO INTELECTUAL ATRAVÉS DA LÍNGUA

Milton Alves Cartolari Moreira¹

Para Maia (2003), a “linguagem é o meio utilizado para transmissão de uma mensagem, para comunicar algo através de um código, sendo a língua um desses códigos”. Em sentido amplo, linguagem é qualquer meio usado para a transmissão de uma mensagem, isto é, para comunicar, sendo a língua, por excelência, o mais usado pelo homem. A língua nunca é alheia ao contexto do mundo social, ao contrário, ela está sempre condicionada às relações de poder.

O domínio dos preceitos da língua materna de uma comunidade é – e ainda tem sido – fundamental para o sucesso das dominações socioculturais e intelectuais ao longo dos séculos. Isso acontece porque a maioria dos falantes de determinado meio **ignora** a faculdade potencial e ideológica da língua que **utiliza**, deixando que outros falem e escrevam por eles, moldando ao seu desejo.

Maia nos alude quanto à origem da língua que se fala hoje no Brasil e relata como se deu a dominação através da língua romana. Segundo ele, com as conquistas militares e o conseqüente domínio político e cultural de Roma do século II a.C., o latim estabeleceu-se numa vasta região da Europa, sobrepondo-se, às demais línguas existentes.

Em nível de compreensão, nessa época o que se tinha eram dois tipos de latim, com os quais se podiam expressar os falantes: o latim clássico e o vulgar. O latim vulgar foi imposto aos povos dominados, levado por soldados e mercadores de escravos, principalmente. Desse modo, durante séculos, o latim sobrepôs-se aos dialetos de diversas regiões, até chegar ao que conhecemos hoje como línguas românicas.

Não vemos mais dominações territoriais dessa magnitude, como do Império Romano ou até mesmo da estrutura política nazista, onde houve uma manipulação da língua alemã pelos possuidores do poder na Alemanha, entre

¹ Especialista em Língua Portuguesa e Literatura pela Universidade Paulista (2011). E-mail: prof.milton@faesb.edu.br

1933 e 1945. Essas dominações eram feitas com grandiosos exércitos, dominando e destruindo o povo dominado e assim, impondo sua ordem e, sobretudo, a língua. No entanto, é sensato dizer que há ainda, em nossos dias, uma dominação cultural mais velada, tendo como principal ferramenta um bom uso da língua e um discurso articulado.

Assim, não se pode negar que da mesma forma que a dois mil anos existiam diferentes níveis do uso da língua falada e escrita, existem nos dias atuais, dois níveis de expressão por meio da língua, aos quais atribuímos, do mesmo modo, dois níveis de falantes: o culto e o vulgar, falados conforme cada situação e letramento do indivíduo.

Essa ferramenta, utilizada por muitos para colonizar e persuadir, é de cunho popular, estando inegavelmente relacionada a todos aqueles que compartilham oralmente de um padrão linguístico específico. Para Cristóvão-Silva (2002) “qualquer indivíduo pode ‘falar sobre’ a linguagem e discutir aspectos relacionados às propriedades das línguas que conhece. Faz parte do conhecimento comum”. A língua é peça principal da luta de classes, expressão e registro dos valores e anseios contraditórios daqueles que exploram e que são explorados.

Fato é que alguns indivíduos dotados de ampla desenvoltura linguística tendem a se adequar às diversas situações em que se faz uso de comunicação oral, tanto em situações formais quanto nas informais, moldando-a a seus interesses e sobrepondo-se a comunidade em que vive, muitas vezes dominando e subjugando o seu semelhante. Desse modo, surgem os grandes mártires e revolucionários da história, tal como os ditadores e políticos.

Em sentido menos amplo, entende-se, que em diversos ramos de atuação profissional, a principal ferramenta de trabalho é a língua e, conseqüentemente, o bom uso que se faz dela por meio da fala – a utilização individual da língua. Assim, fazer o uso adequado dessa ferramenta pode garantir um melhor desempenho nas atividades desenvolvidas.

Dito isso, é importante que se tenha ciência da situação linguística apresentada, e faça-se a distinção da forma adequada a ser utilizada. Sendo assim, “toda e qualquer variante de uma língua é adequada linguisticamente e é inapropriado dizer que há variantes piores ou melhores”, ensina Cristóvão-Silva (2002). Portanto, é sensato dizer que há níveis diferentes de



comunicação e, para tais, graus distintos de emprego. Entendendo esse conceito, pessoas comuns tornam-se lendas históricas e dentro de situações mais normais do cotidiano, um excelente profissional em sua área.

REFERÊNCIAS

CRISTÓFARO-SILVA, Thais. **Fonética e fonologia do português**. São Paulo: Contexto, 2002.

MAIA, João Domingues. **Português**. 10 ed. São Paulo. Ática, 2003.